

## Escritas à deriva: memórias escolares nas redes sociais virtuais

Robson Fonseca Simões<sup>1</sup>  
Fábio Santos de Andrade<sup>2</sup>  
Jussara Santos Pimenta<sup>3</sup>

**Resumo.** O tempo das tecnologias digitais revolucionou os olhares, as atenções e as emoções dos sujeitos na história da escrita/leitura, ressignificando, portanto, as funções e as relações do usuário junto à tela do computador. Quando se navega na internet, também é possível se deparar com narrativas saudosistas, nostálgicas; o ex-aluno se apropria da palavra, da cultura e dos meios para relatar a sua vida. Nesse território virtual, o usuário almeja colocar em cena as suas histórias escolares. Mas quem são estes sujeitos? Quais os significados e intenções que os usuários atribuem aos seus textos? Navegando nas Comunidades do Orkut do Colégio Militar do Rio de Janeiro e do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro foi possível refletir que o conjunto dessas escritas digitais permite ao pesquisador encontrar descrições variadas sobre a vida cotidiana escolar. Valho-me dos estudiosos Castillo Gòmes (2000), Vinhao (1997), Chartier (2002), Bauman (2011), e Lejeune (2009) para me ajudar a pensar que os sujeitos também se constroem nos diversos suportes de escrita.

**Palavras-chave:** Memórias Digitais. Redes Sociais do Orkut. História da Educação.

*“Estudei só em 1975, vcs me lembraram de cada figura... RS<sup>4</sup>”.*

*Quem não se lembra da voz do professor de biologia: caros cientistas do Marista!!! E o de matemática: Seus polígonos!!! Quanta saudade... E também dos nossos amigos... Mônica, você trouxe o dever? RS Então... muita saudade... Abços...<sup>5</sup>*

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Professor do Departamento de Ciências da Educação, Núcleo de Ciências Humanas da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Campus Porto Velho. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEE/MEPE/UNIR). E-mail: fonsim2000@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Professor do Departamento de Ciências da Educação, Campus de Vilhena, da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEE/MEPE/UNIR).

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ciências da Educação, Núcleo de Ciências Humanas da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Campus Porto Velho. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEE/MEPE/UNIR).

<sup>4</sup> Escrita retirada do Orkut em 16/09/2011, no Fórum Quem estudou na década de 70, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário João G. em 24/01/2005.

<sup>5</sup> Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, no Fórum Quem estudou na década de 70, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Ana T. em 25/01/2005.

*Para alunos, ex-alunos e professores do Colégio Marista São José-  
R...quantas saudades...E os nossos amigouuss???*<sup>6</sup>

Se já houve uma época em que os sujeitos anotavam os episódios da vida cotidiana apenas nos seus diários íntimos, papéis, agendas, no tempo da web, é possível observar escritas nas redes sociais da internet, mais especificamente nas comunidades escolares do Orkut<sup>7</sup>, tornando visíveis as histórias dos usuários, o que nos instiga a repensar a relação histórica entre memória e as escritas dos sujeitos. Estar sintonizado com as novidades tecnológicas faz acender o desejo de se aproximar das diferentes linguagens que estão postas no mundo virtual, onde pessoas se cruzam, se representam, vivem ao seu modo uma “Odisséia” dos novos tempos.

Chartier (1999) sugere que a leitura da revolução digital se apresenta de forma fragmentada, num mundo no qual cada texto é pensado como uma unidade separada de informação. Essa forma de leitura se reflete na relação com as obras, já que o livro impresso oferece ao leitor a percepção de totalidade, coerência e identidade o que não ocorre na tela. Nesse sentido, navegar na internet é uma nova caracterização do escritor/leitor diante do advento do hipertexto eletrônico, sujeito às intempéries.

Os suportes perenes da escrita permanecem na vida; contudo, eles também se recriam, se transformam no tempo da web. Se a primeira fonte visa à durabilidade, a outra, em contraposição, tem a sua vida curta, criada para a visibilidade (Sibilia, 2008), *extimidade* (Bauman, 2011), espetacularização das histórias dos sujeitos no suporte digital; logo, inseridas nos modos de ser, pensar, essas memórias não podem ser esquecidas, desconsideradas pela História da Educação.

O conjunto dessas escritas dos usuários nas comunidades do Orkut nos instiga a pensar que as relações de cada sujeito com o espaço virtual e com as suas memórias

---

<sup>6</sup> Escrita retirada do Orkut em 08/04/2010, Quem estudou na década de 70, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Rodrigo em 26/01/2005.

<sup>7</sup> A minha aproximação às comunidades do Orkut foi motivada na medida em que percebia naquele espaço virtual um ambiente privilegiado para investigação das escritas; ali os sujeitos das escolas centenárias do estado do Rio de Janeiro organizavam festas, encontros, reverenciavam o passado, lutavam para manter a tradição das escolas, bradavam o orgulho de ter pertencido àquelas instituições de ensino, contagiando outros usuários com os seus testemunhos dos tempos dos bancos escolares. A escolha dessas fontes como possíveis objetos de estudo justificou-se por se tratar de uma documentação no ambiente virtual que não pode ser mais desconsiderada pelos pesquisadores; as histórias de um passado escolar também são postadas nas redes sociais da web, tornando-se, portanto, visíveis, expostas, fazendo parte do “show do eu”. A rede social do Orkut, assim, foi uma fonte privilegiada para a historiografia da Educação, o que nos remeteu à ideia da efemeridade das redes de sociabilidades no universo digital.

escolares são diversas. Desse modo, numa primeira tentativa de análise, observa-se uma possível disposição dos ex-alunos em expressar as suas narrativas, numa sequência de depoimentos, parecendo não ter fim; as escritas da epígrafe parecem oferecer um exemplo dessa reflexão; as datas em que foram postadas, dos dias 24 a 26 de janeiro de 2005, ajudam a perceber uma possível continuação em suas narrações; o que me remete a uma possível intertextualidade com a obra literária de Galland (2007), *As mil e uma noites*, na qual a personagem Xerazade, estrategicamente, desperta a atenção do sultão Xariar, contando, durante mil e uma noites, fantásticas histórias de aventuras e aventureiros. Mas de que maneiras esses usuários narram as suas histórias?

Os estudos de Chartier (1999) destacam que o fluxo sequencial do texto na tela, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como em outro suporte, por exemplo, o livro, evidencia uma possibilidade: o leitor pode embaralhar, entrecruzar, reunir textos inscritos nessa mesma memória eletrônica. Nesse sentido, é possível observar uma miríade de narrativas com as memórias dos ex-alunos nas comunidades escolares do Orkut.

Em seu ensaio, Moraes (2004) considera que quando se trata de um fenômeno histórico total a ser estudado, não podemos deixar de lado a experiência, os sentimentos e as percepções dos sujeitos sociais; eles formam grupos distintos, com projetos e entendimentos diferentes acerca da realidade. Nesse sentido, “as representações sociais não são estruturas neutras”, como nos lembra os estudos de Chartier (2005). É possível pensar que essas representações sociais sejam fruto de interesses específicos dos grupos sociais, disputando ora a hegemonia política, ora a discursiva, em relação à interpretação correta de uma dada situação social; dessas representações se originam estratégias e práticas sociais.

Assim, observam-se nessas comunidades escolares do Orkut, práticas discursivas que também fazem andar o carrossel das representações sociais de um tempo escolar.

Quando a discussão é a relevância dos estudos das representações sociais, as reflexões de Duby (2005) sugerem:

Com efeito, para compreender a ordenação das sociedades humanas e para discernir as forças que as fazem evoluir, é importante dedicar igual atenção aos fenômenos mentais, cuja intervenção incontestavelmente é tão determinante quanto a dos fenômenos econômicos e demográficos. Pois não é em função de

uma condição verdadeira, mas da imagem que constroem e que nunca fornece o reflexo fiel, que os homens pautam a sua conduta. Eles se esforçam para conciliá-la com os modelos de comportamento que são produto de uma cultura e que mais ou menos se ajustam, no decorrer da história, às realidades materiais. (DUBY, 1995, p. 130)

Por seu turno, Luz (1993) acredita que o surgimento de uma nova tecnologia acarreta o surgimento de uma nova linguagem, como, por exemplo, o cinema: "invenção científica e diversão de parque, tornou-se uma fábrica de contar estórias e uma indústria de produção de consenso". Aquele autor sugere que as novas tecnologias terão cada vez mais influência sobre os modos de inteligência, sobre a gestão do espaço e do tempo e sobre a relação do sujeito consigo mesmo e com os outros.

Se as transformações materiais podem se refletir na cultura e criam a base para o surgimento de novos suportes que irão exigir novas práticas sociais de escrita e, conseqüentemente, o aparecimento de um novo narrador, os estudos de Souza (2006) abrem as portas para refletirmos sobre as histórias de vida e as narrativas de escolarização, ajudando-nos a pensar que a narrativa é tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação, porque é parte das experiências e dos fenômenos humanos advindos das mesmas. O cotidiano humano é, sobremaneira, marcado pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos e falamos, pelas formas como contamos as histórias vividas.

A arte de lembrar e narrar histórias consiste, num sentido reflexivo, em narrar-se, ou seja, implicar-se e distanciar-se de si, no sentido de que a implicação corresponda ao papel estabelecido pelo vivido, aquilo que conservamos de nós mesmos. O registro das experiências vividas no cotidiano escolar possibilita ao sujeito, enquanto autor e ator de sua própria história, eleger histórias escolares significadoras. Desse modo, escrever torna-se, pois, um ato de desnudar-se. Mas quem são estes sujeitos?

Os nomes que aparecem nas comunidades do Orkut podem oferecer dúvidas quanto às suas veracidades. Não seriam heterônimos? Pseudônimos? *Nicks*<sup>8</sup>? Ou quem sabe, *nicknames*? A questão da identidade do mundo virtual pode ser interpretada como uma verossimilhança literária, ou em outras palavras, as criações semânticas, sintáticas e estilísticas dos sujeitos são representadas a partir do universo da imaginação dos usuários.

---

<sup>8</sup> Os nicks apresentam uma significação que vai além de uma estrutura formal. Grosso modo, sua função é identificar o participante de um espaço virtual. É reconhecido também como nicknames, por ser uma espécie de apelido com o qual o usuário deseja ser reconhecido. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

O que é nome? O que significa nomear? Os estudos sobre os nomes e as suas respectivas escolhas realizados por Mignot (1993, p. 620) sugerem que: “Nomear implica designar, proferir, chamar, criar, instituir, eleger, escolher. A escolha de um nome é sempre um ato de arbítrio, liberdade, manipulação, dominação”. Por outro lado, o nome marca também uma forma de classificação. Machado (2003, p.27), por sua vez, assinala: “O nome marca também um aspecto da subjetividade ou da posição social daquele que nomeia, e que é significado pelo nome que escolhe. Portanto, o nome é sempre significativo.” Nesse sentido, podemos observar alguns nomes escolhidos pelos usuários da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro para um de seus professores, destacando os momentos importantes nas suas vidas escolares, como se observa a seguir.

Bio Molécula... Quem não lembra desse grande professor? Vcs se lembram desse prof. de biologia? Todo mundo escolheu esse nome pra ele...Eu lembro dele dormindo durante a prova..saudades de vcs...<sup>9</sup>

Podes crer... Senhor Bio Molécula!! Nunca mais esqueci dele...Adorava aquele mestre... Bio Molécula era showwww...<sup>10</sup>

Parece confirmar que o nome *Bio Molécula* foi escolhido pelos alunos para homenagear aquele professor de Biologia, do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, com um significado que vai além de uma metáfora, de uma metonímia, ou das próprias personificações dos elementos que compõem as especificidades das ciências da natureza. Quem sabe, esses significantes possam produzir outros sentidos para os usuários, num possível jogo de espelhos, refletindo, desse modo, outros significados para os ex-alunos dessa rede social virtual.

Os estudos de Gullar (2010) sobre os heterônimos do poeta Fernando Pessoa também podem encaminhar uma reflexão acerca da criação dos nomes. Há autores que escrevem narrativas, dramas, e nessas ficções atribuem sentimentos e ideias às figuras que as povoam. A cada personalidade que o autor viveu dentro de si, ele criou uma personalidade diferente, e fez dessa personalidade uma personagem. Alberto Caeiro, Ricardo Reis e

---

<sup>9</sup> Escrita retirada do Orkut em 09/03/2010, no Fórum Bio Molécula, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Valente C. em 01/08/2004.

<sup>10</sup> Escrita retirada do Orkut em 09/03/2010, no Fórum Bio Molécula, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Fabiano C. em 10/08/2004.

Álvaro Campos são exemplos dessas criações de Fernando Pessoa, portanto, o autor cria e assume outras personalidades como se fossem pessoas reais.

Por sua vez, Machado (2003) procura examinar um dos grandes mistérios que assombram o leitor, em todas as épocas e sociedades: como funcionam os mecanismos das escolhas dos nomes nas narrativas? Machado (2003, p.27) explica: “o ponto de partida está diante de uma página em branco de um romance ou novela; as únicas palavras já preexistentes são os nomes dos personagens, tudo o mais poderá ser escolhido pelo autor [...]”. Debruçando-se sobre as obras literárias de Guimarães Rosa, a autora examina de perto como os nomes desempenham um papel deflagrador e estruturador nas narrativas. Por sua vez, Houaiss (2003) entende que:

[...] essas transformações sígnicas (de significante e significado) se operam já por recursos paronímicos regulares da língua — hipocorísticos, diminutivos, aumentativos, redobros, desdobros, indobros, dedobros —, já por recursos regulares da fala ou discurso — associações sônicas, fônicas, fonológicas, mórficas, morfemáticas, paradigmáticas ou sintagmáticas. [...] Cada nome próprio em Guimarães Rosa pode funcionar multivocamente, constituindo um centro de constelação sêmica palpitante de dinamismo e, mais, de adequação, quanto aos usos que de si mesma faz a personagem, os interlocutores, o próprio universo físico ou social que o envolve, inclusive o mítico, supersticioso, religioso, ideológico ou histórico. (HOUAISS, 2003, p. 10)

Mas o que é nome próprio? Sobrenome? Nome de batismo? Apelido? Na reflexão acerca dos nomes próprios, Machado (2003, p.44) enfatiza: “não há mais um sentido único de leitura, mas uma decifração e recriação permanente, feita de dedução e de intuição, de sensibilidade e de exploração das diferentes possibilidades de atualização daquilo que é dito potencialmente pelo nome.” O significado para o nome próprio, segundo Ferreira (1975), é o nome com que se nomeiam individualmente os seres e que se aplica em especial a pessoas, nações, povoações, montes, mares, rios etc. Para sobrenome, Ferreira (1975, p.18) destaca: “o que vem após o primeiro do batismo, ou prenome”.

Por seu turno, o apelido para Ferreira (1975) é a designação especial de alguém ou de alguma coisa. Quanto ao nome de batismo, Mignot (1993, p.621) observa que este “sugere nascimento, um dado tempo e espaço; confere uma identidade, projeta sonhos, desejos e expectativas dos nomeadores”. Verifica-se, por conseguinte, que a escolha dos nomes dos usuários adquire novas significações na medida em que a imagem projetada de si não

precisa ser necessariamente comprovada nessa rede social da web, sendo o mais importante, talvez, a construção de uma identidade com os reflexos dos seus desejos.

Há de se lembrar também, nesta reflexão, dos pseudônimos criados pelos poetas Tomás Antônio Gonzaga (Dirceu), Basílio da Gama (Termindo Sipílio) e Cláudio Manuel da Costa (Glauceste Satúrnio), ao final do século XVIII, no Brasil, ainda colônia portuguesa, para poderem destacar ecos de liberdade em suas escritas. Ao estudar os periódicos escolares, Caruso (2005) comenta:

No início do século XX, mais especificamente nas escritas da imprensa quando havia uma função de proteger as autoras e suas famílias de críticas mal intencionadas, também é possível observar a continuidade na utilização de outros nomes para assinar artigos, que estava mais relacionada a uma lógica estética, pois as assinaturas com pseudônimos europeus, por exemplo, davam certo charme e elegância à escrita, já que tudo que vinha da Europa era considerado, principalmente pela elite daquela época, mais avançado e refinado. (CARUSO, 2005, p.24)

No entanto, os estudos de Rocha (2006) permitem ver que os pseudônimos vão saindo de cena, quando a condição social da mulher vai mudando e dando lugar a um discurso socialmente aceito. Assim, infere-se que essas estratégias com designações de outros nomes para identificar um sujeito não são de exclusividade do universo virtual. Os autores estabeleceram e ainda descobrem novas estratégias de autoria, pensando nas formas de relação com os seus interlocutores, preservando, assim, os seus anonimatos nos textos.

Nas janelas abertas dessas redes sociais virtuais, observam-se os *nicknames*. O espectro da representação provocado pelas tecnologias digitais desencadeou a presença verossímil de uma pessoa na rede, o hiper-eu, um alguém digital na comunidade escolar do Orkut, podendo não ser o usuário; são os nomes criados pelos sujeitos da internet, que por um motivo ou outro, não necessariamente representam as suas identidades reais. Estes nomes têm um valor discursivo por ser uma espécie de apelido com o qual o usuário deseja ser reconhecido. Com o seu nome real ou não, esses sujeitos convocam a desmesurada publicização do privado (Viñao, 2000), levando a exibição da intimidade (Sibilia, 2008) e a celebração do tom confessional (Bauman, 2011) como forma de legitimar a performance da própria existência.

É possível refletir que essas estratégias com designações de outros nomes para identificar um sujeito não são utilizadas apenas na internet, não são de exclusividade do universo virtual. Quem sabe, um baile de máscaras, uma carnavalização na escrita da internet (Bakhtin, 1999), na medida em que essa transposição do carnaval pode caracterizar-se por proceder a uma inversão do cotidiano, por corresponder à vida escolar que não está escrita ou narrada nos documentos oficiais encontrados na instituição. A metáfora do carnaval sugere o espírito da excentricidade dos sujeitos no Orkut, possibilitando aos usuários revelarem os seus silêncios, as suas histórias não ditas nas vidas escolares.

As escritas do Fórum *Quem estudou na década de 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, podem nos revelar alguns fatos que aconteciam na escola; podemos examiná-las a seguir.

Vcs se lembram do professor de Estudos sociais? Achu que ele era daltônico... volta-e-meia vinha com um sapato de uma cor e o outro de outra cor... uma piada! Sawdadiiiiiii... BJJSSS<sup>11</sup>

Amiga... Deixa eu te refrescar a tua memória...não era só os sapatos nãuummm... era tb as meias dele...Era o Lilico... RS Abçus...<sup>12</sup>

Talvez, os *nicknames* Pantera e Leão, escolhidos pelos usuários dessa rede social, nessa possível carnavalização virtual, possam ser estratégias culturais de um tempo de internet, nas quais os usuários narram as suas histórias de um tempo escolar, contudo não se identificam. As suas narrações revisitam a história de um professor que, às vezes, ia para a sala de aula com cores de sapatos e meias diferentes; o que traz à tona, algo que possivelmente não convinha ser comentado naquela instituição de ensino.

Entende-se o quanto este gênero de escrita torna-se um espaço de autorrepresentação, no qual o sujeito se posiciona frente a si mesmo, como se estivesse utilizando um espelho para o seu confessor. Sendo assim, as suas escritas podem representar uma miríade de experiências para o seu interlocutor; o que se deve sublinhar, no entanto, é que nessa rede social virtual, não se encontram apenas uma opinião acerca de um assunto; não há só afinidades nas narrações dos usuários; olhares diferentes para as suas experiências também

<sup>11</sup> Escrita retirada do Orkut em 19/03/2010, no Fórum *Quem estudou na década de 70?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Pantera em 18/09/2004.

<sup>12</sup> Escrita retirada do Orkut em 21/03/2010, no Fórum *Quem estudou na década de 70?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Leão em 20/09/2004.

são encontrados nas histórias dos sujeitos, o que podemos observar a seguir, na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Sou ex-aluno de 1977. A rainha das armas é a artilharia!!!!!! Começaria de novo se assim fosse!!! As minhas experiências no curso de material bélico me fizeram viajar e fazer cursos em outro estados do Brasil... forma os melhores...inesquecíveis... aprendi muito para toda minha vida. RS<sup>13</sup>

Não concordo...Claro que a melhor é a Cavalaria... Melhor arma do Colégio Militar...Eu me formei em 1975. Nos nossos desfiles militares, éramos considerados padrões. Muita saudade. Abços<sup>14</sup>

As narrações no Fórum *CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, guardam semelhanças entre si, mas também revelam singularidades específicas daquela instituição militar: as armas de formação dos alunos. É possível observar, através das narrações dos usuários Ferreira e Lerenó S., as respectivas especificidades dos cursos e as trajetórias escolhidas pelos mesmos, tornado visível, portanto, as suas opiniões diferentes quando o assunto é a possível melhor arma do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

As narrativas da web como os possíveis inventários das histórias vividas nas escolas ganham sentido e potencializam-se como fontes historiográficas porque têm na experiência postada pelos usuários a sua base existencial. Dessa forma, esses *posts* das comunidades escolares podem se constituir como singulares num projeto autobiográfico, porque se assentam na articulação entre as práticas escolares individuais e coletivas.

Quem sabe, não poder emergir daí a necessidade de compreender, com base na abordagem experiencial dessas narrativas digitais que falam de si, a necessidade de revelar, nos bastidores das comunidades escolares, cenas cotidianas e experienciais do cotidiano escolar, visto que a organização e a construção da narrativa autobiográfica, acompanhando o aceno de Souza (2001), implicam colocar o sujeito em contato com as suas experiências escolares de formação, as quais são perspectivadas a partir daquilo que cada um viveu, dos significados construídos ao longo da vida. Nessa acepção, quais os possíveis sentidos

---

<sup>13</sup> Escrita retirada do Orkut em 24/03/2010, no Fórum *CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Ferreira em 07/07/2005.

<sup>14</sup> Escrita retirada do Orkut em 24/03/2010, no Fórum *CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Lerenó S. em 17/07/2005.

instituídos nessas relações nas redes sociais virtuais com os seus respectivos modos de narrar nessas comunidades escolares?

Ora, o trabalho com a memória pode nos ajudar a descrever alguns aspectos ligados à vida escolar por meio das situações diárias vividas pelos ex-alunos, como por exemplo, no exercício militar, ou em outras palavras, a ordem unida, trazendo possíveis novidades, numa revisita às rotinas daquele espaço geográfico e social escolar, mesmo observando uma escrita despojada de regras normativas de acentuação gráfica nas palavras.

Os depoimentos a seguir sobre o Sargento Tavares na Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, ainda que isentos de aplicações das regras de acentuação das palavras da Língua Portuguesa, apoiam-se, sobremaneira, nas atividades dos exercícios militares com os ex-alunos no pátio daquela instituição de ensino, como também iluminam os hábitos de vida militar, as formas de sociabilidade do militar instrutor com os ex-alunos e as práticas culturais desenvolvidas por aquela escola. As aulas de instrução militar, portanto, estão inscritas numa rede social em que os sujeitos constroem suas representações livres de moldes ou regras linguísticas, o que não compromete o relato postado.

O sgt Tavares faz parte da historia do CMRJ. Me lembro de outra ocasio, em que ele inventou de ordenar que os alunos, em forma, no patio da 2ª cia, retirassem o sapato do pe esquerdo, sem colocar o pe no chao. Depois, ordenou que retirassemos o outro sapato, tb. sem colocar os pes no chao... Apos, todos estarmos sentados, ordenou que colocassemos os sapatos, e que o ultimo a calçar seria punido, teria o nome e numero anotados<sup>15</sup>

Ele usava um oculos ray-ban, e no patio da 2ª cia, nas aulas de instrucao militar, ele virava a cabeça na direcao da esquerda, por exemplo, e um aluno qualquer, à direita, fazia um movimento, no que ele imediatamente apontava o indicador para a direita, mas ainda com a cabeça virada para a esquerda, e gritava: VOCE, NOME E NUMERO<sup>16</sup>

A escrita, como representação de ideias ou palavras codificadas nos mais diversos suportes culturais, é parte integrante de uma realidade social; é possível entender que nesses ambientes linguísticos, os sujeitos criam sistemas, instrumentos, estruturas, para auxiliá-los na interação e no diálogo com o outro; nessa acepção, os estudos de Castillo Gómez (2002) abrem as portas para compreendermos a história social da cultura escrita:

---

<sup>15</sup> Escrita retirada do Fórum *Quem se lembra do SGT Tavares?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Eduardo C. no dia 12/11/2005.

<sup>16</sup> Escrita retirada do Fórum *Quem se lembra do SGT Tavares?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Roberto C. no dia 10/12/2005.

la historia del lenguaje y de la cultura escrita no puede ser exclusivamente una historia de los sistemas de escritura, sino que debe interpretar el contenido y la modalidad de las diferentes prácticas de lo escrito. el valor y el uso que las distintas sociedades le han dado y le dan. Esto implica entender la escritura como una tecnología de razonamiento y comunicación social capaz de generar modos propios de pensar el mundo y construir la realidad, advirtiendo que esas potencialidades dependen de las condiciones de su posibilidad, de la distribución histórica de las capacidades de escribir y leer, de los discursos. (CASTILLO GÓMES, 2002, p. 116)

Por sua vez, Freitas (1998) comenta que os aspectos são significativos dentro dos contextos em que a comunicação ocorre, pois a linguagem é o resultado da construção coletiva de um determinado grupo social, evidencia o seu caráter sociocultural. Consequentemente, por se tratar de um fenômeno social, considera-se que a língua precisa ser compreendida como inseparável do processo comunicativo, sendo despertada nessas relações pelo fato de que, através da linguagem, o ser humano tem acesso à cultura e ao conhecimento que o farão refletir na relação com o outro.

As memórias dos sujeitos são múltiplas e são registradas no momento presente de maneiras muito diferentes, em processos de apropriação e/ou rejeição. Nas escritas existem disputas e um trabalho de elaboração na publicização, mesmo que esta dimensão não se concretize como publicização; é nesse sentido que Sibilía (2008, p.89) apresenta a sua ideia sobre as práticas confessionais que se espalham na internet: “alguém que cotidianamente faz de sua intimidade um espetáculo destinado a milhões de olhos curiosos de todo planeta; esse personagem se chama *eu*, e deseja fazer de si mesmo um show”.

Se no itinerário linguístico do mar da web, nos depararmos com expressões, sintagmas, signos, palavras carregadas de sentidos naquele espaço virtual, produzindo, destarte, efeitos polissêmicos, ambíguos, quiçá, poderemos encontrar outros usos da linguagem nas comunidades escolares do Orkut, os organizadores textuais típicos da oralidade, conforme nos revelam os *scraps* a seguir.

Isso é que é voltar ao passado, em 1969, mas daí vai ser quase impossível encontrar e lembrar de alguém desta época. Entaum fica o meu registro. Aí lembro dos gêmeos, e da turma. Um grande abraço a todos! Valeu<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Bruno L. no dia 11/03/2005.

Aí, sou de 67 a 71. Então, vida ótima no Marista São José. Ah! futebol jogava muito!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!<sup>18</sup>

Tenho fotografias da turma da época. hahahahahah...Aí...lembro tbm do cheiro daquela fábrica que invadia as salas de aula, então, aquele aroma me lembro até hoje. Só naum me pergunte mais detalhes, vlw? E do S. Davi que era o dono da frota de ônibus que servia ao Colégio, daí eu ia de carona. Abraço a todos!<sup>19</sup>

As escritas memorialísticas dos sujeitos deixam entrever o apego à produção de enunciados férteis em organizadores textuais típicos da oralidade; em sua narrativa, o usuário Bruno L. evoca o seu passado escolar em 1969, afirmando ser um pouco difícil, lembrar dos seus amigos. A preferência pela utilização dos termos da oralidade *daí* e *aí* em seu discurso, assim como a variante vocabular *entaum*, quem sabe, possam oferecer pistas de que no Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, os usuários possuem liberdade linguística para registrar as suas memórias; nesse sentido, esses *scraps* observados no fluxo da interação verbal, que se processa nesse contexto, através de relações de sentido são, portanto, dialógicas.

Vale lembrar que nos assuntos abordados nessas comunidades escolares, o tempo passado e o tempo presente se aproximam e/ou distanciam, conforme as possíveis convicções ideológicas dos sujeitos. Nesse sentido, observam-se as suas relações com a memória histórica, que podem ser identificadas nas memórias coletivas e nas memórias sociais. Quem sabe, a postagem nessas redes sociais virtuais possibilite ao usuário romper com a solidão, revivendo as suas histórias, preenchendo os espaços vazios, numa possível ilusão de que participando, mudam-se os destinos das suas vidas. (VAZ, 1998)

## Considerações Finais

O tempo presente deixa uma herança, o suporte digital, com as suas fontes efêmeras, transitivas, transitórias, para os pesquisadores das Ciências Humanas; assim, trata-se de uma necessidade poder estar atento a essa materialidade.

---

<sup>18</sup> Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Eduardo P. no dia 10/04/2005.

<sup>19</sup> Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Lívio no dia 12/05/2005.

Embora não seja uma fonte perene, na qual as palavras descansam e podem ser evocadas sempre que alguém lê, abre aquelas páginas, o universo da web também oferece registros com outras histórias dos ex-alunos, talvez, não registradas nos documentos oficiais escolares. Mas como lidar com essas fontes efêmeras? Parece que estas escritas nascem com a seguinte vocação: durar pouco, ser flutuante, transitiva; memórias à deriva no oceano da internet.

Papiro, pergaminho, papéis, livros, agendas; quantos séculos, quantos sentimentos, quanto engenho humano para registrar, para tornar visível o invisível, para guardar algo. Esses suportes perenes são objetos materiais; tal como uma roupa que protege um corpo, eles criam um acolhimento seguro, permitindo a permanência nos lugares em que são guardados, depositados; no entanto, as narrativas dos ex-alunos nas redes sociais do Orkut também estão à disposição para as pesquisas, mesmo residindo num suporte que tem a vocação de durar pouco tempo.

Estas escritas revelam a multiplicidade das vivências, a variedade das histórias marcantes, a pluralidade dos caminhos trilhados, possibilitando refletir que o conjunto das narrativas transitivas também oferece um quadro das ideias, sentimentos, aspirações de um tempo escolar. Essa escrita digital também é uma forma de enunciar esse amálgama feito de memória e história, encontro fortuito e inesperado com o passado, registro fugaz de sentidos de um tempo escolar.

As escritas digitais ganham força no século XX, despertando novos olhares, novas leituras, novas discussões sobre os testemunhos efêmeros, narradores das histórias dos usuários nas comunidades escolares. É preciso que o pesquisador também esteja atento a essas fontes fugazes; essas reflexões são necessárias para que os horizontes se abram, contribuindo, assim, às análises das narrativas que acenam as histórias dos ex-alunos dentro e fora da escola.

### **Written drifting: memories in school networks virtual**

**Abstract.** The time of digital technologies has revolutionized the looks, attention and emotions of the subjects in the history of writing / reading, resignifying therefore the functions and the user interfaces

with the computer screen. When surfing the internet, you can also come across nostalgic, nostalgic narratives; former student appropriates the word, culture and media to report their life. In this virtual territory, the user aims to stage their school stories. But who are these guys? What are the meanings and intentions that users attribute to their texts? Navigating Communities Military College of Orkut in Rio de Janeiro and the Marist College Sao Jose do Rio de Janeiro was possible to think that all these digital written allows the researcher to find various descriptions of the school everyday life. I make use of scholars Castillo Gomes (2000), Vinhão (1997), Chartier (2002), Bauman (2011), and Lejeune (2009) to help me think that the subject also build in various written media.

**Keywords:** Digital Memories. Social Networking Orkut. History of Education.

### **Drifting escrito: memorias en redes escuela virtual**

**Resumen.** La hora de las tecnologías digitales ha revolucionado la apariencia, la atención y las emociones de los sujetos en la historia de la escritura / lectura, resignificar lo tanto, las funciones y las interfaces de usuario con la pantalla del ordenador. Cuando se navega por Internet, también puede venir a través de relatos nostálgicos, nostálgico; ex estudiante se apropia de la palabra, la cultura y los medios de comunicación para informar de su vida. En este territorio virtual, el usuario tiene como objetivo poner en escena sus historias escolares. ¿Pero quiénes son estos tipos? ¿Cuáles son los significados e intenciones que los usuarios atribuyen a sus textos? Navegando Comunidades Colegio Militar de Orkut en Río de Janeiro y el Colegio Marista San José do Rio de Janeiro era posible pensar que todos estos escrita digital permite al investigador a encontrar varias descripciones de la vida cotidiana de la escuela. Hago uso de los estudiosos Castillo Gomes (2000), Vinhão (1997), Chartier (2002), Bauman (2011), y Lejeune (2009) para ayudarme a pensar que el sujeto también a construir en diversos medios escritos.

**Palabras clave:** Memorias digitales. Redes sociales Orkut. Historia de la Educación.

### **Referências**

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. “A Face humana da Sociologia”. In: Estado de São Paulo online, 2011. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/a-face-humana-da-sociologia>> Acesso em 22/04/2016.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.
- BURKE, Peter. *Popular culture in early modern Europe*. London: Maurice Temple Smith, 1978.
- CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Ed. Klick, 1999.
- CARUSO, Andrea. “Traço de União como vitrine”: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do colégio Jacobina. PROPEd / UERJ. Dissertação de mestrado, 2006.
- CASTILLO GÓMEZ, Antônio ( coord.). *História de La cultura escrita*. Madrid: Trea, 2002.

- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.
- \_\_\_\_\_. *A beira da falésia: a história entre certezas e as inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.
- XVIII, São Paulo: Ed. Unesp, 2007.
- DUBY, Maurice. “História social e ideologias das sociedades”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Cultura é memória*, Revista da USP, 1995. Disponível em <<http://www.usp.br/revistausp/jerusa.pdf>> Acesso em 22/04/2016.
- FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Narrativas de professores. Pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica*. Rio de Janeiro: Ravil, 1998.
- GALLAND, Antoine. *As mil e uma noites*. São Paulo: Ediouro, 2007.
- GULLAR, Ferreira. *A Razão poética*. Disponível em <<http://www.cfh.ufsc.br/~magno/frames.html>> Acesso em 22/04/2016.
- HOUAISS, Antônio. “Prefácio que deveria ser posfácio”. In: MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.
- LACERDA, Lilian de. *Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1989.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LUZ, Rogério. “Novas imagens: efeitos e modelos”. In: PARENTE, André (org.). *Imagem máquina. A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Decifrando o recado do nome: uma escola em busca de uma identidade pedagógica*. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 1993.
- MORAES, Dislane Zerbinatti. “E foi proclamada a escravidão: Stanislaw Ponte Preta e a representação satírica do golpe militar”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2004.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- RICOUER, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.
- ROCHA, Olívia Candeia Lima. “Escritoras piauienses: pseudônimos, flores e espinhos”. *Mafuá-Revista de Literatura em Meio Digital*, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.mafua.ufsc.br/oliviacandeia.html>> Acesso em jan. 2006.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SOARES, Carmen Lúcia. “Sobre a palavra e a escrita”. In: *Educação e cultura audiovisual: ressonâncias*. São Paulo: Moderna, 2012.
- SOUZA, Elizeu Clementino. *O conhecimento de si: estágios e narrativas de formação de professores*. Salvador: Uneb, 2006.
- \_\_\_\_\_. “História de vida e prática docente: desenvolvimento pessoal e profissional”. *Revista da FAEBA*. Salvador, n.º 16, jul./dez., 2001.
- VAZ, Élide Mattos. *A encenação da educação nas cartas dos leitores*. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Rio de Janeiro: PUC, 1998.
- VIDAL, Diana Gonçalves. *Fim do mundo do fim: avaliação, preservação e descarte documental*. In: *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Luciano Mendes de Faria Filho (org.). Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 2000.
- VIÑAO, Antonio. “Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología e usos”. In: *TEIAS- Revista da Faculdade de Educação/ UERJ*, n. 1, jun. 2000.

---

*Recebido em abril de 2016*

*Aprovado em junho de 2016.*